



As contribuições dos projetos de extensão universitária na formação de professores de Educação do Campo: o caso da UFFS campus Laranjeiras do Sul/PR

Celso Caitano de Souza
Graduado em Interdisciplinar em Educação do Campo – Licenciatura (Ciências Naturais e Matemática e Ciências Agrárias).

Fábio Luiz Zeneratti
Docente da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) campus Laranjeiras do Sul/PR

RESUMO

A presente pesquisa objetivou investigar as contribuições dos projetos de extensão universitária da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Laranjeiras do Sul, na formação de professores do curso de Educação no Campo (Ciências Naturais e Matemática e Ciências Agrárias). O trabalho tem como ponto de partida a premissa de que, a extensão universitária é essencial na formação do acadêmico e que as experiências obtidas nesse processo podem ampliar a sua compreensão em relação aos desafios de sua profissão. A análise dos dados indica que a extensão universitária da UFFS pode contribuir, na medida em que auxilia na formação de profissionais críticos, autônomos, que sabem respeitar a realidade dos sujeitos do campo.

Palavras-chave: Extensão Universitária; Educação no Campo; Formação de professores.

ABSTRACT

The present research aimed to investigate the contributions of the university extension projects of the Federal University of the Southern Frontier (UFFS) campus Laranjeiras do Sul in the training of teachers of the Field Education course (Natural Sciences and Mathematics and Agrarian Sciences). The work has as its starting point the premise that university extension is essential in the training of the academic and that the experiences obtained in this process can broaden their understanding of the challenges of their profession. Data analysis indicates that the university extension of the UFFS can contribute, once that it helps in the formation of critical, autonomous professionals who know how to respect the reality of the subjects of the field.

Keywords: University Extension; Education in the Field; Teacher training.

INTRODUÇÃO

O papel da universidade é pauta de muitos estudos e pesquisas, assim como a extensão universitária, entretanto, esse exercício não é tarefa fácil, afinal a própria caracterização da extensão requer o devido cuidado. É nesse sentido que logo de início uma indagação merece destaque: o que é extensão universitária?

Evidentemente que não há resposta pronta, mas é possível dizer que a extensão universitária é a ação da universidade na comunidade na qual está inserida. Trata-se de um processo educativo, cultural e científico, que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável, viabilizando uma relação transformadora, tanto da universidade quanto da comunidade.

A extensão compõe o eixo principal do ensino superior, sabidamente baseado no tripé ensino-pesquisa-extensão. Na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) a extensão é relativamente recente, pois a própria universidade é nova – foi criada em 15 de setembro de 2009 pela Lei nº 12.029. É relevante destacar que a UFFS está constituída por seis campi: Chapecó (SC) sede da instituição, Realeza (PR), Laranjeiras do Sul (PR), Cerro Largo (RS), Erechim (RS) e Passo Fundo (RS).

Embora jovem, a UFFS é resultado de uma longa luta dos trabalhadores do campo pela democratização do acesso ao ensino superior. Essa é, sem dúvida, uma das marcas dessa universidade, como destaca o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): “a UFFS é fruto dos movimentos, pois nosso desafio era construir uma universidade pública, democrática e popular” (MST, 2014).

O campus de Laranjeiras do Sul, mesorregião Centro-Sul do Estado do Paraná, é exemplo disso, pois contou com a participação efetiva dos movimentos sociais do campo no processo de implantação. O que pode ser evidenciado na própria localização da UFFS, que se estabeleceu sobre uma área de assentamento da reforma agrária, trata-se do Assentamento 8 de Junho, vinculado ao MST.

Do ponto de vista estrutural, o campus de Laranjeiras do Sul, possui uma infraestrutura que conta com laboratórios de Física, Química, Biologia, Ciências Humanas e Cultura, entre outros laboratórios destinados à realização de práticas experimentais e pesquisas com diversos equipamentos. Também possui biblioteca, salas de aula com internet, wireless e projetores do tipo datashow. São ao todo seis cursos de graduação, dois de especialização Lato sensu e dois de mestrado (Stricto sensu) lotados nessa estrutura.

Diante da complexidade do objeto desta pesquisa, foi necessário rigor metodológico em seu desenvolvimento, por isso é importante dizer que a metodologia utilizada consistiu-se de um cuidadoso levantamento bibliográfico, pautado em referenciais teóricos de diferentes bancos de dados (livros, teses, monografias, artigos, entre outros) e um atento trabalho

de campo. Para coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas, constituídas por perguntas abertas; tal metodologia se contrapõe ao uso de questionários rígidos, uma vez que as entrevistas semiestruturadas possibilitam ao entrevistado maior liberdade nas respostas e ao pesquisador permite se defrontar com possibilidades novas e imprevisíveis, próprias do diálogo.

O delineamento da pesquisa levou em consideração o seguinte critério de inclusão: professores do curso de Educação no Campo que são ou foram coordenadores de projeto(s) de Extensão Universitária, durante o período entre 2010 a 2016, e acadêmicos do curso que participam ou participaram de projetos de Extensão Universitária no mesmo período.

A pesquisa de campo, mediada pelas entrevistas, foi desenvolvida no segundo semestre de 2016 e no primeiro semestre de 2017. Além disso, embora os entrevistados tenham dado expressa autorização para utilização do conteúdo de suas falas, optou-se por deixá-los no anonimato por entendermos que os conteúdos de suas entrevistas poderiam expor os sujeitos envolvidos, sendo este o motivo pelo qual no texto os entrevistados aparecem referenciados apenas por letras.

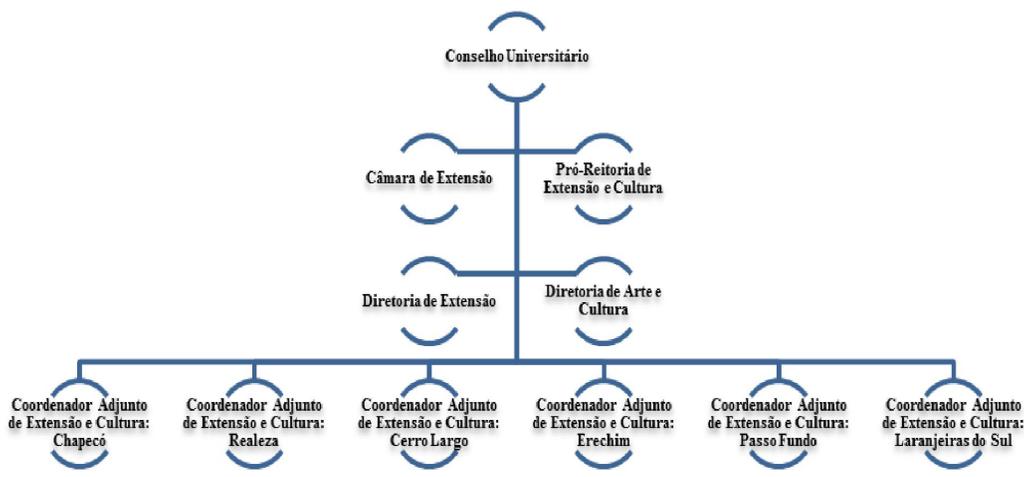
A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFFS

A concepção de extensão na UFFS pode ser identificada por meio do documento intitulado “Política de Extensão da UFFS” (UFFS, 2011), que define que a extensão se constitui em um elo entre as demandas regionais e as atividades universitárias, condição que pode promover a transformação tanto da sociedade quanto da universidade.

Visa garantir a Extensão Universitária como um processo educativo, cultural e científico que, articulado ao Ensino e a Pesquisa de forma indissociável, promova uma relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade, fomentando o diálogo de saberes, a democratização do conhecimento acadêmico, a interdisciplinaridade e a participação da comunidade na construção da Universidade, bem como a participação da Universidade no desenvolvimento regional (UFFS, 2011, p. 03).

É oportuno sinalizar que, internamente, a extensão na UFFS segue os parâmetros institucionais definidos pela Resolução 01/2014 do Conselho Universitário (CONSUNI) e da Câmara de Extensão, sendo que esta resolução se constitui no atual Regulamento de Extensão da universidade. Com base neste instrumento foi possível elaborar um organograma institucional da extensão, o que permite identificar os fluxos diretivos e a hierarquia do setor de extensão.

Figura 01 – Organograma institucional da Extensão na UFFS



Fonte: elaboração dos autores

No que se refere à execução de projetos de extensão, segundo coleta de dados no setor de extensão da universidade, entre o ano de 2010 a 2016, a UFFS campus de Laranjeiras do Sul desenvolveu 73 projetos selecionados por meio de editais específicos e 80 projetos com demanda espontânea, ou seja, projetos que não dependem de editais de chamamento, pois se trata de fluxo contínuo e motivado por demanda da comunidade e organizados pelos professores e acadêmicos envolvidos.

Por fim, esses dados coletados sobre o número de projetos realizados, nos indicam que a UFFS está buscando cumprir seu papel social e transformador na relação com a comunidade, afinal as ações da universidade visam principalmente a transformação da região, como fica evidente na fala do professor “B”:

Um dos principais objetivos da UFFS, além de trazer formação para as pessoas da região, é sim mudar a região ao longo de uma geração quem sabe, não sendo algo de apenas um ou dois anos. Também tem a questão da aprendizagem dos alunos que é facilitada, pois trabalha-se a Biologia, a Ciências, a Matemática, entre outras (Professor entrevistado B).

Os projetos extensionistas atendem especialmente a mesorregião Centro-Sul do estado do Paraná, promovendo a educação, a formação de lideranças dos movimentos sociais e também com atuação diretamente nas necessidades dos agricultores, visto que a economia da região está fortemente centrada no setor primário, com destaque para a agricultura.

A RELAÇÃO ENTRE A COMUNIDADE E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A partir da Extensão Universitária é possível disponibilizar o conhecimento produzido por meio do ensino e da pesquisa a toda comunidade. Com isso, o conhecimento deixa de ser prisioneiro da universidade e passa a dialogar com a realidade concreta, do mesmo modo, a realidade adentra a universidade e a coloca em movimento.

Em última instância a extensão, ao proporcionar uma aproximação da universidade com a comunidade local, desencadeia um processo dinâmico de reciprocidade, pois ao mesmo tempo em que a Universidade socializa seus conhecimentos, ela também aprende com a comunidade, ocorrendo uma troca de conhecimentos e cultura. Assim podemos entender a Extensão como sendo uma espécie de ponte permanente entre universidade e comunidade, como assevera Silva (1996).

[Trata-se de] uma espécie de ponte permanente entre a universidade e os diversos setores da sociedade. Funciona como uma via de duas mãos, em que a Universidade leva conhecimento e/ ou assistência à comunidade, e recebe dela influxos positivos como retroalimentação tais como suas reais necessidades, seus anseios, aspirações e também aprendendo com o saber dessas comunidades. Ocorre, na realidade uma troca de conhecimentos, em que a universidade também aprende com a própria comunidade sobre os valores e a cultura dessa comunidade. Assim, a universidade pode planejar e executar as atividades de extensão respeitando e não violando esses valores e cultura. A universidade através da Extensão influencia e também é influenciada pela comunidade, ou seja, possibilita uma troca de valores entre a universidade e o meio (SILVA, 1996, p. 1).

A pesquisa de campo nos indicou que as afirmações de Silva (1996) fazem parte do cotidiano dos professores da UFFS, pois foi evidenciada a preocupação dos docentes em desenvolver projetos capazes de interferir na realidade local. Neste sentido contribui o relato do professor entrevistado “B”:

A extensão universitária para mim é uma forma de a a universidade impactar o entorno onde ela se encontra para poder avançar além de seus muros, mas, antigamente nas universidades existiam muros e elas ficavam muito focadas somente em salas de aula, biblioteca, ensino e pesquisa, e do outro lado do muro da universidade ficavam as pessoas que com um simples apoio poderiam mudar sua qualidade de vida. Vejo que a extensão universitária tem esse objetivo de aproveitar todo esse potencial que existe de professores e alunos que precisam ter algum relacionamento com pessoas e isso é algo que apoia tanto a formação do aluno, além disso, pode melhorar a qualidade de vida da população próxima a universidade através de uma maneira simples sem precisar de nada sofisticado, ou seja, ela pode até ser sofisticada, mas, a população não está pedindo isso, ela está apenas pedindo um apoio simples da universidade, e isso é o que podemos fazer e é nossa obrigação fazer e temos carga horária disponível para isso (Professor entrevistado B).

É importante dar relevo a um dos pontos principais da Extensão Universitária, ou seja, as intervenções devem partir das necessidades que a comunidade apresenta, deve ser planejada respeitando a cultura e os valores da comunidade para que possa desenvolver um trabalho adequado às

especificidades locais e regionais, assim, ambas as partes auferem resultados compatíveis com suas demandas.

Não se pode perder de referência que a universidade deve caminhar pelo princípio da indissociabilidade. Na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 207 diz que: “as universidades gozam de autonomia didático–científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Portanto, a indissociabilidade é um dos fundamentos da universidade, sendo a extensão o ponto aglutinador deste processo, com papel indispensável na comunidade, como expresso pelo professor entrevistado “B”.

Já para o acadêmico, a Extensão Universitária é um processo científico e educativo do qual ele necessita, como expresso na fala do professor “B”, trata-se do contato com as pessoas de carne e osso, para além das teorias, cuja importância é incontestável.

O acadêmico ao realizar extensão gera conhecimento, no entanto, não se trata de um conhecimento qualquer, pois o conhecimento gerado viabiliza uma relação transformadora entre universidade e a sociedade. Além disso, a partir da extensão universitária é possível pôr em prática a práxis; vale destacar que a práxis remete à transformação material da realidade, portanto, a extensão, fundamentada no diálogo entre a prática e a teoria, pode transformar a realidade da comunidade e dos sujeitos envolvidos.

Nesse ponto é válido destacar, de acordo com as entrevistas semiestruturadas realizadas que, quando foi perguntado aos professores sobre “quais os benefícios que a extensão universitária pode proporcionar aos acadêmicos”, as repostas foram muito significativas, pois ficou explícito o quanto os projetos de extensão da universidade impactam positivamente na formação acadêmica, considerando a relação com a comunidade. Quando perguntado ao professor “A”, o mesmo afirmou que:

Os acadêmicos aprendem a trabalhar com a comunidade as oficinas desenvolvidas no projeto e, ao mesmo tempo, estão se inserindo nas práticas. Os estudantes também têm a oportunidade de assumirem a liderança do projeto, pois, são os mesmos que estarão inseridos na comunidade. Quando eu coloco um aluno bolsista na liderança do projeto, vejo que o mesmo consegue puxar consigo os outros participantes do projeto na realização das atividades e na organização das oficinas.

Já o professor “B”, afirmou que:

Principalmente, melhoram o seu relacionamento com pessoas, além disso, a necessidade de solucionar as necessidades das comunidades força naturalmente que o aluno se dedique mais aos estudos para resolver as situações, mas às vezes o aluno percebe que não precisa estudar para resolver alguma situação percebendo que ele mesmo possui conhecimento suficiente para tal necessidade e isso valoriza o conhecimento e dedicação do aluno aos estudos, mas isso ele vai aprender somente na prática, através da extensão.

E o professor “C”, destacou que:

Eu acho que abriu os horizontes para eles porque é totalmente diferente do dia a dia na universidade. O dia a dia no campo, na horta, nas oficinas faz com que os acadêmicos percebam que as coisas programadas, as vezes devem ser ajustadas, pois tu faz um planejamento e as vezes aquele planejamento não se enquadra e tu tem que rediscutir.

A partir dessa coleta de dados, pode-se compreender que os projetos de extensão servem como um meio de aproximar os acadêmicos ao cotidiano das comunidades. Ademais, estimula a autonomia dos acadêmicos, fazendo com que os mesmos, por meio da prática, sejam capazes de visualizar e superar as dificuldades encontradas na realização das oficinas dos projetos, moldando e reformulando muitas vezes os conteúdos programados para facilitar o entendimento das pessoas, e ao mesmo tempo, promovendo a maior valorização por parte do acadêmico, na sua formação enquanto futuro professor de Educação no Campo.

Além disso, a partir das entrevistas com os professores coordenadores de projetos de extensão universitária da UFFS, ficou claro que quando o acadêmico participa de projeto de extensão ocorre naturalmente e/ou espontaneamente uma ampliação da visão do mesmo em relação aos conhecimentos adquiridos na universidade. A aplicação dos conhecimentos científicos nas comunidades, por meio da prática da extensão, leva o acadêmico a confirmar que sua dedicação aos estudos em sala de aula e as pesquisas nos laboratórios são capazes de serem repassadas a outras pessoas, de maneira que há uma aproximação positiva entre universidade e comunidade e o elo entre ambas as partes é o próprio acadêmico.

Por outro lado, o tempo de duração de um projeto e as orientações repassadas pelos professores coordenadores aos acadêmicos nesse período, lhes permite ter maior protagonismo na realização das oficinas com as comunidades. Em virtude disso, alguns acadêmicos, principalmente bolsistas dos projetos, recebem o desafio de desempenhar a função de liderança do projeto de extensão, tendo o acadêmico a responsabilidade de conduzir a equipe do projeto para a realização das oficinas, mas sempre sob orientação dos coordenadores e seguindo as normas da universidade.

A pesquisa de campo, em especial as entrevistas com os professores tratadas neste momento, demonstram que a prática da extensão universitária e as experiências adquiridas pelo processo de troca de conhecimentos com a comunidade promovem maior compreensão da realidade por parte do acadêmico, futuro professor, que irá atuar na comunidade com mais dinamismo.

Afinal, a relação do estudante com a comunidade faz com que o conhecimento ultrapasse as salas de aula ampliando o aprendizado, pois o estudante coloca em prática a teoria recebida em sala de aula. Nesse contexto Alves (2004, p. 40) afirma que: “por meio da Extensão Universitária o estudante pode visualizar momentos que lhe seriam furtados sem essa experiência, e refletir a respeito da relação teoria e prática, indissociabilidade ensino/pesquisa/extensão e relação universidade e sociedade”.

A INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

É compreendido, conforme a legislação, que o eixo central/fundamental das universidades brasileiras é constituído por um tripé formado pelo ensino, pesquisa e extensão de maneira indissociável, ou seja, de maneira inseparável, como descrito na Constituição Federal de 1988. Assim, percebemos que o tripé fundamental das universidades deve ser trabalhado com equidade, visto que do contrário estarão descumprindo a legalidade constitucional.

Em última instância, podemos compreender por indissociabilidade a qualidade de indissociável, ou seja, aquilo que não se pode dissociar, que não é separável em partes (FERREIRA, 1986). De maneira objetiva, o conhecimento sobre a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão não se resume meramente a uma questão semântica ou a uma questão legislativa, mas tem em sua essência uma função político-pedagógica pertencente às ações das universidades, que se construíram historicamente, interligadas aos anseios e aos projetos nacionais de educação. Pensar a extensão passa pelo projeto de sociedade e educação que queremos.

Nesse sentido contribui Freire (1980), pois propõe uma educação popular a qual tem por princípio a libertação dos indivíduos que, por meio do desenvolvimento da consciência, passam a atingir um nível de criticidade e ação diferenciada, para isso pode contribuir a extensão se desenvolvida e articulada ao ensino e a pesquisa.

Na visão de Mancebo (2004), para consolidar o princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão:

[...] há que se preservar a universidade e seu espaço de processamento crítico, analítico e de sistematização e integração da ciência e da cultura produzidas, construindo nas universidades públicas a iniciativa e a responsabilidade institucionais a respeito do ensino, dos programas de pesquisa, bem como dos projetos de extensão, alçando-a, assim, à condição de instituição autônoma e crítica (MANCERO, 2004, p. 862).

Nesse sentido, o Plano Nacional de Educação (PNE), Lei 10.172, de 09 de janeiro de 2001, estabelece a concepção de universidade autônoma, assegurando que as atividades como ensino, pesquisa e extensão das universidades são o suporte necessário para o desenvolvimento científico, tecnológico e cultural do país. Além disso, compreendemos que as universidades são detentoras do conhecimento humano historicamente produzido, tendo o papel de colocá-lo a serviço da sociedade, não no sentido da manutenção do status quo, mas com vistas à transformação social.

A indissociabilidade na universidade contempla uma concepção de atributo da atividade acadêmica, que propicia a aproximação entre a universidade e a sociedade, maior assimilação teórica e prática e o verdadeiro significado do trabalho social acadêmico. No entanto, Dias (2009) assevera que atualmente há um distanciamento entre esses fundamentos

que constituem o processo de indissociabilidade, pois quanto maior é o nível de especialização do docente, este tende a seguir para o caminho do ensino, da pesquisa ou da extensão.

Dias (2009) aponta que:

O que tem se observado na prática é que a qualificação e a instrução elevada do docente fazem-no se afastar do ensino e extensão na graduação e se dedicar à pesquisa na pós-graduação, ou seja, essas atividades são postas como se não pudessem coexistir, nem tampouco serem integradas umas às outras (DIAS, 2009. p.41).

Na avaliação de Dias (2009) a universidade na contemporaneidade, cujo papel é contribuir para a transformação da sociedade, possui o desafio de associar nas suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, os requisitos que visam a superação das desigualdades sociais e regionais, pois para a autora a interdisciplinaridade dos conhecimentos, nos dias de hoje, sustentam a base do desenvolvimento científico e tecnológico, sendo a especialização do docente um entrave ao avanço simétrico dos eixos centrais da universidade.

De acordo com as entrevistas realizadas, as preocupações de Dias (2009) não se confirmaram na UFFS, pelo contrário, os professores afirmam que a indissociabilidade é o eixo central da universidade, em que pesem as dificuldades, eles asseveram que todas as dimensões desse eixo devem ser trabalhadas no cotidiano institucional.

Nesse sentido, é importante destacar as falas dos entrevistados em relação à indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, para expressar como os professores (e também acadêmicos da UFFS) compreendem esse processo. Os fragmentos citados abaixo fazem parte das respostas obtidas a partir da seguinte pergunta: “você considera as atividades de ensino, pesquisa e extensão como sendo o eixo fundamental da qualidade de educação na universidade?”. As respostas foram muito significativas e objetivas:

Professor “A”: Exatamente, a universidade não tem um papel igual da educação básica, a universidade tem o dever de realizar um desenvolvimento diferente, pois dentro de uma sociedade capitalista deve-se discutir o modelo econômico atual, tendo uma função mais ampla criando possibilidades de sonhos, utopia, mas isso só se faz com apresentação de demandas concretas, fazendo com que as pessoas percebam que a universidade realiza esse efeito de transformação, mas para isso apenas o ensino não da conta de fazer. Através da extensão é possível se aproximar da comunidade levando o conhecimento importante para a mesma, ampliando o nível cultural das mesmas, mas não necessariamente ira transformar economicamente aquela região. E a pesquisa tem o dever de levantar todo o diagnostico da realidade da comunidade, com base nos dados de órgãos públicos legalizados.

Professor “B”: Considero sim, mas é difícil você colocar alguém comandando tudo isso. Vejo que através da extensão é que realmente vamos ver as necessidades da comunidade, e através das necessidades é que vamos estimular a pesquisa para encontrar as soluções para aqueles problemas, mas, para fazer pesquisa é necessário do ensino que irá acelerar os resultados das pesquisas. Para mim, o motor desse processo indissociável é a extensão universitária.

Professor “C”: Eu considero sim, mas acredito que a universidade ainda não dá conta da extensão, falamos que a extensão é o primo pobre da universidade.

Acadêmico “A”: Sim, fundamental mesmo, só englobando e agindo nesses três eixos como um só é que é possível ter uma formação real e total voltada para a realidade local e principalmente para a finalidade concreta e pratica da formação.

Acadêmico “B”:

Sim, porque o ensino, a pesquisa e a extensão, possuem influência direta na qualidade do profissional. Neste sentido a qualidade da educação está sim atrelada a este tripé universitário, sendo importante que os estudantes participem ativamente destas três atividades ao longo da graduação.

Acadêmico “C”:

Sim, pois sem um desses eixos descaracterizaria a missão da Universidade, se igualando às faculdades que, normalmente, priorizam apenas o ensino.

Acadêmico “D”:

Acredito que sim, pois o que é ensinado dentro de sala de aula é muito importante, porém, acredito que a busca pelo conhecimento vai além dos conteúdos programados nas grades curriculares, a busca pelo conhecimento, ao meu ver, esta claramente ligada a pesquisa e à prática, a extensão nos permite desenvolver essas duas ações.

Acadêmico “E”:

Sim. Pois é assim que colocamos em prática as teorias e com isso aprendemos muito mais com as atividades e estudos indo a campo e não ficando apenas na sala de aula.

Acadêmico “F”:

Com toda certeza, possibilita o acadêmico a conhecer a realidade do seu meio de atuação mesmo antes de se formar.

A partir dos relatos dos professores coordenadores de projetos de extensão e dos acadêmicos do curso de Educação no Campo entrevistados, podemos identificar que os mesmos são precisos em considerar que as atividades de ensino, pesquisa e extensão são incontestavelmente o eixo fundamental da educação na UFFS.

Para o professor “A” é esse eixo fundamental que difere a função da universidade frente à sociedade, em comparação as outras instituições de ensino. O professor “A” avalia ainda que a função da pesquisa é realizar um diagnóstico completo da comunidade na qual a universidade está inserida, ou seja, fazer um diagnóstico prévio e a partir dos dados levantados intervir por meio da extensão levando conhecimento para fora dos muros da universidade; evidentemente que deve-se dialogar com a comunidade para saber de suas necessidades.

Já o professor “B” considera que na frente de todo o processo fundamental da universidade está a extensão; e que por meio dela é possível diagnosticar as necessidades da comunidade e com o auxílio do ensino e da pesquisa é possível estruturar os conhecimentos para atender às demandas desta comunidade.

Em relação a pesquisa com os acadêmicos, fica explícito que os mesmos acreditam auferir maior êxito na sua formação, pois destacam que a formação integral do sujeito crítico não se configura somente no aprendizado em sala de aula, mas antes assume consistência a partir dos conhecimentos adquiridos dentro da sala em conexão com as pesquisas e com a prática realizada fora da universidade.

Dessa forma, a formação acadêmica ganha maior sentido, pois os acadêmicos conhecem o seu espaço de atuação mesmo antes de estarem formados, permitindo a visualização da realidade concreta para além do expresso nos livros e manuais, o que para o acadêmico do qual foi ceifado a possibilidade de participação em projetos de extensão não é possível; isso somente ocorrerá quando e se ingressar na atividade profissional como professor de educação no campo.

Porém, em que pesem estas contribuições, um ponto expresso nos fragmentos das entrevistas citadas merece destaque: trata-se da fala do professor “C”, que afirma que a extensão é considerada como o “primo pobre” da universidade. Tal referência tem como parâmetro a sua posição enquanto coordenador de projeto de extensão; para ele não é dada a devida atenção à extensão pela universidade, ocasionando uma valorização exacerbada do ensino e da pesquisa. O mesmo relata que as dificuldades para realizar a demanda dos projetos de extensão nas comunidades são muitas e que não se tem um caminho facilitado.

A partir desta evidência apresentada pelo professor “C”, podemos inferir que há uma fragilidade institucional na relação entre ensino, pesquisa e extensão que foge do controle do professor. Ademais, esse descompasso evidencia uma desarticulação do eixo norteador da indissociabilidade, comprometendo que processos transformadores, tanto para o acadêmico quanto para a comunidade, se estabeleçam. Evidentemente que é algo a ser superado.

CONTRIBUIÇÃO DOS PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UFFS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO NO CAMPO

O foco principal desta pesquisa é compreender em que medida os projetos de extensão universitária contribuem para a formação acadêmico-profissional dos acadêmicos do Curso de Educação no Campo; ao longo do trabalho algumas contribuições já foram sendo evidenciadas, principalmente a partir das entrevistas com os professores. Contudo, foi por meio das entrevistas realizadas com os acadêmicos do curso que participam e/ou participaram dos projetos de extensão na UFFS, que foi possível avançar neste intento, embora muito ainda precise ser investigado.

Os acadêmicos foram questionados, por meio de entrevistas individuais, sobre “quais os benefícios a extensão universitária pode lhe proporcionar na formação acadêmica como futuro professor de Educação no Campo”; e as respostas foram as seguintes:

Acadêmico “A”: Desde organizar um projeto ou ação dentro do ambiente escolar, mais conhecimento prático e real da comunidade e dos sujeitos que frequentam a escola, bem como experiência prática de convívio local.

Acadêmico “B”: Proporciona uma maior aproximação com a realidade das escolas e dos estudantes, ou seja, favorece o contato direto com o campo escolar e também com os profissionais da área, além de possibilitar momentos de trocas de saberes que apenas nas salas de aulas não é possível ocorrer.

Acadêmico “C”: Através da extensão foi possível ouvir os relatos dos professores, as dificuldades encontradas pelos mesmos no processo de ensino-aprendizagem, assim como as experiências que deram certo; entender o que a comunidade espera da escola; e, que nossas ações refletem diretamente na vida dos estudantes.

Acadêmico “D”: A extensão nos possibilita uma interação com as pessoas fora da universidade, conhecimentos da realidade de como essas pessoas se comunicam e agem, trabalhamos em educação do campo com a ideia que um professor só pode ser um bom profissional se ele conhecer a realidade dos seus alunos, bom a extensão nos possibilita perfeitamente essa oportunidade de conhecer, de ver de perto essa realidade.

Acadêmico “E”: Ampliação da noção de como trabalhar a Educação no Campo, como preparar as atividades vivenciando a realidade dos alunos que pra mim é o essencial, pois na sala de aula é superficial e na extensão podemos vivenciar as teorias na prática.

Acadêmico “F”: A troca de conhecimentos com professores em atuação na área, confrontar com a realidade e as dificuldades em que as mesmas possibilitam a busca em formação adequada para o conhecimento de quando chegar a atuar para que tenhamos um maior entendimento em como lidar com os mesmos.

Podemos identificar por meio das entrevistas com os acadêmicos do Curso de Educação do Campo, que a participação em projetos de extensão proporciona uma visão mais ampla da realidade e de como será seu futuro como professor.

Os acadêmicos afirmaram que a extensão é uma oportunidade de conhecer a realidade dos alunos, o que se julga imprescindível para a formação acadêmica. Nesse sentido, salientamos que a ênfase do curso de Educação do Campo da UFFS, visa principalmente valorizar o modo de vida das comunidades, sempre levando em consideração a realidade dos sujeitos, pois a função da Educação no Campo é levar para o campo uma educação transformadora. Então, como demonstram os dados da pesquisa, para isso contribui a extensão na UFFS.

Não podemos perder de referência que a Educação do Campo nasce com intuito de atuar na política de educação objetivando atender aos interesses sociais das comunidades camponesas, quilombolas, indígenas e outras. A expressão Educação do Campo surgiu primeiramente como Educação Básica do Campo durante a I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho de 1998. Passou a denominar-se Educação no Campo após a II Conferência Nacional, ocorrida em julho de 2004, em Brasília.

O esforço para inserir a Educação no Campo, surge a partir das lutas pela transformação da realidade do sistema educacional oferecido às áreas de Reforma Agrária, tendo como maior protagonista das lutas, naquele período, o MST. A Educação no Campo combina a luta pela educação com a luta pela terra, pela Reforma Agrária, pelo direito ao trabalho, à cultura, à soberania alimentar, ao território (CALDART et al., 2012. p. 263).

A implantação do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação no Campo pela UFFS, campus de Laranjeiras do Sul, se insere neste contexto, devido à necessidade de atender aos anseios dos sujeitos do campo. Trata-se de uma estratégia que busca contribuir para a permanência dos sujeitos no campo. Por este motivo, a Educação no Campo, valoriza o modo de vida camponês, seus traços sociais e culturais, assim como, valoriza a cultura indígena e quilombola.

O curso de graduação em Licenciatura Interdisciplinar em Educação no Campo da UFFS busca formar professores para atuarem nas esco-

las do campo e, assim, reforçar o vínculo da educação com a realidade da região e com os anseios dos sujeitos do campo, auxiliando no desenvolvimento econômico, social e cultural, buscando promover processos educacionais que contribuam para a permanência deles no campo.

E nesse sentido a extensão tem papel fundamental, primeiro proporcionando que os camponeses tenham acesso à produção técnico-científica produzida pela universidade, depois se destaca como um instrumento capaz de aumentar significativamente o conhecimento do acadêmico quanto à realidade dos alunos com os quais irá trabalhar. Afinal, o ensino em sala de aula na universidade não demonstra de maneira concreta a dinâmica da vida profissional e das comunidades, inclusive no que se refere a preparação de atividades adequadas aos alunos do campo, todavia, por meio da extensão é possível vivenciar esta realidade e aprender a superar os limites.

Em última instância, a atuação dos acadêmicos junto à comunidade, por meio dos projetos de extensão, proporciona o contato direto com a realidade da população atendida, contribuindo assim, para o despertar de habilidades necessárias no cotidiano profissional, como: autonomia, liderança, saber ouvir e respeitar a realidade dos sujeitos.

Também é importante destacar que o contato com outros professores nas escolas, durante as atividades extensionistas, propicia um grande aprendizado para os acadêmicos da UFFS, pois como afirma o acadêmico “C”: é através da extensão que é possível conhecer as dificuldades dos professores que já atuam na área, sobre as dificuldades encontradas no processo ensino-aprendizagem. A partir desta relação com os professores das escolas os acadêmicos adquirem experiência docente, desenvolvem a capacidade de traçar estratégias para superar dificuldades concretas do cotidiano, o que somente aconteceria depois de formados e inseridos nos ambientes escolares.

No mesmo sentido, como afirma o acadêmico “F”, a relação de troca de conhecimentos com outros professores que atuam na área, ou seja, nas escolas, favorece a que o acadêmico em formação como professor busque metodologias mais adequadas para trabalhar com os alunos nas escolas, facilitando a transmissão do conhecimento científico.

Além disso, praticando extensão nas escolas, os acadêmicos da Educação no Campo, conseguem realizar as suas atividades dentro do ambiente escolar de maneira mais organizada, pois conhecem a realidade da comunidade e dos sujeitos que frequentam a escola, como afirma o acadêmico “A”.

Para além dessas contribuições, é necessário destacar as dificuldades encontradas no cotidiano referente à execução dos projetos de extensão na UFFS. Primeiramente vejamos os relatos dos professores entrevistados:

Professor “A”: A dificuldade maior é a questão financeira que se torna um fator limitante para o desenvolvimento do projeto. Muitas das vezes não se tem nem ao menos um carro disponibilizado pela universidade para fazer o deslocamento da equipe do projeto para o local onde será aplicado o conhecimento desenvolvido, no entanto, a universidade foi construída para atender a demanda de ensino, pesquisa e extensão.

Professor “B”: Basicamente, as dificuldades foram de estrutura logística, pois questiona-se de que forma o aluno vai ficar se deslocando para realização das atividades do projeto, pois, a universidade não libera transporte para extensão e ao mesmo tempo temos muita dificuldade de usar o dinheiro de subsídio disponibilizado para a extensão devido a burocracia da universidade para podermos utilizar esse dinheiro visto muitas vezes temos que usar do nosso próprio dinheiro para realizar o projeto proposto.

Professor “C”: A primeira coisa é que a gente tem problemas internos devido a questão da gestão, por exemplo, a gente aprova os PROEXT né, mas como faz um processo de licitação de compra de coisas dentro da universidade é muito difícil, pois as vezes você tem o dinheiro e não tem como executar o projeto de extensão porque o prazo de levantamento de preço pra você comprar ultrapassa o prazo do projeto, então acaba que metade do dinheiro que tu tem, tu acaba tendo que devolver. Segundo problema é que como você vai à extensão sem transporte, pois a universidade não disponibiliza, as vezes a gente tem o dinheiro da gasolina mas não conseguimos realizar o projeto porque não temos um veículo disponível para extensão e isso é um fator limitante. O terceiro problema que eu vejo é que a UFFS tem um formulário pra tudo, pra fazer o projeto, pra fazer a institucionalização, então é bem complexo. Outra coisa são os relatórios dos projetos que são muito complexos, mas, não temos um banco de acesso desses relatórios para fazermos consultas pra você saber o que avançou ou não em relação ao projeto.

A principal dificuldade dos professores para realizar extensão na UFFS está relacionada à questão do transporte, pois faltam veículos disponíveis para transportar os participantes dos projetos e os instrumentos utilizados para realizar as atividades, no caso das oficinas de ensino, por exemplo.

A pesquisa identificou que, muitas vezes, para realizar as atividades, os participantes necessitam se deslocar com veículos próprios ou de ônibus, com recursos financeiros próprios, arcando com os custos do projeto. Essa realidade fica mais clara a partir da fala do professor “C”, pois afirma que o Estado disponibiliza subsídio para os projetos de extensão da universidade, no entanto, o sistema burocrático interno da universidade para que os coordenadores tenham acesso ao subsídio é um obstáculo, pois demanda muito tempo para que os coordenadores preparem toda a documentação necessária e depois de tudo pronto ainda se tem mais um longo período de espera para liberação do subsídio, sendo que nesse período o projeto já se encontra em andamento, ou seja, nesse tempo os participantes já utilizaram recursos próprios para subsidiar as atividades.

As entrevistas com os acadêmicos forneceram outras evidências das dificuldades encontradas na execução das atividades de extensão, como segue:

Acadêmico “A”: Principalmente a questão de tempo e determinação, é uma atividade para além da rotineira da carga horária do curso, portanto exige certa dedicação. A principal dificuldade está no interesse, nem sempre temos a oportunidade de participar como aluno bolsista o que faz com que muitos alunos desistam, pois precisam de remuneração, o que os leva a desenvolver outra atividade, como trabalho. Conciliar essas atividades com as das cargas horárias curriculares também é difícil, pois em semana de trabalhos e provas fica mais complicado cumprir mais horas em função dos projetos, dependendo do projeto outra dificuldade são os recursos financeiros para custear transportes e estadias pra pesquisas e aprendizados, podendo caracterizar essa como a principal dificuldade.

Acadêmico “B”:

Por ser um projeto que envolveu toda a região de Cantuquiriguaçu, algumas dificuldades com relação ao deslocamento até alguns municípios foram encontradas, porém não impediram no comprimento dos objetivos propostos.

Acadêmico “C”:

A falta de investimentos, uma vez que as bolsas são limitadas e os gastos com deslocamento e materiais a serem utilizados nos locais de aplicação do projeto normalmente não estão contemplados no orçamento dos editais.

Acadêmico “D”:

Com certeza o fator tempo, conciliar as horas de atividades da extensão com as horas de aula é o mais difícil, porque as horas de aula vão além dos momentos presenciais em sala, temos que contar com as horas que temos que reservar para o desenvolvimento de trabalhos atividades e estudo de cada disciplina cursada. Outro fator, também são os gastos utilizados, passagens de vindas e idas à universidade, comida, etc., quando o aluno é bolsista tudo se resolve, porém participar de projeto como voluntário sempre há um gasto maior.

Acadêmico “E”:

O confronto com horários, com as reuniões e viagens do curso.

Acadêmico “F”:

Normalmente os projetos de Extensão oferecem poucas bolsas, e requer uma maior quantidade de tempo para participar dos mesmos.

Para os acadêmicos, além da questão do transporte, um dos principais entraves para os mesmos participarem das atividades está relacionado ao tempo disponível, visto que na maioria das vezes participam de outras atividades da universidade, como projetos de ensino, pesquisa e viagens; além disso, em muitos casos ocorre confronto de horários entre as aulas e as atividades dos projetos.

Contudo, mesmo nos casos onde os acadêmicos não estão inseridos em outros projetos, seja de ensino ou de pesquisa, a própria rotina como estudantes impõe um limite de tempo, afinal a participação nas disciplinas da grade curricular exige tempo adicional para estudos, expressos na preparação e desenvolvimento de atividades como: trabalhos, provas, seminários, entre outros.

A importância das bolsas para realização dos projetos é outro ponto que merece relevo, afinal a pesquisa demonstrou como este subsídio é decisivo para a manutenção dos acadêmicos nos projetos de maneira mais adequada, pois com este recurso financeiro é possível custear o transporte, a alimentação e outras necessidades fundamentais.

Em que pese estas dificuldades, a participação dos acadêmicos nos projetos de extensão é considerada adequada pelos professores. Os professores coordenadores de projeto entrevistados foram unânimes em relatar que alguns acadêmicos são extremamente prestativos durante o desenvolvimento do projeto, superando, muitas vezes, as expectativas dos professores. Já alguns são totalmente descomprometidos e não realizam com eficiência as atividades propostas, causando vários contratemplos, contudo a grande maioria dos participantes realiza satisfatoriamente as atividades. A afirmação do professor “B” com relação à participação dos acadêmicos no seu projeto é elucidativa neste sentido:

Como acontece em qualquer projeto, disciplinas, entre outros, existem aqueles 10% de alunos que são muito acima da média, que vão muito além do que você projetou, já uns 10% dos alunos não realizam as atividades e causam alguns contratempos sendo descomprometidos, e o restante são aqueles alunos que atingem a condição necessária para atender a realização das atividades do projeto (Professor entrevistado B).

Se por um lado a participação dos acadêmicos nos projetos é entendida como satisfatória pelos professores, por outro é necessário destacar que o processo de seleção dos acadêmicos não atende adequadamente aos requisitos de igualdade de condições ao pleito e publicidade, que minimamente um projeto desenvolvido por meio de uma instituição pública deve preservar.

Durante as entrevistas realizadas ficou evidente que a seleção dos acadêmicos para participar de projeto de extensão que, em geral, ocorre através de escolhas realizadas pelos próprios professores coordenadores de projeto de extensão, geralmente ocorrendo da seguinte forma: o convite ao acadêmico é feito pelo professor coordenador do projeto, tendo como referência a participação do acadêmico em outras atividades na universidade; o convite é feito geralmente através de e-mail; mensagem via redes sociais; entre outras.

Esse mecanismo de seleção evita, por exemplo, que os acadêmicos, principalmente do período noturno, tenham conhecimento das atividades e vagas disponíveis. Ademais, esta metodologia de seleção se distancia dos princípios democráticos e populares que orientaram a implantação da própria UFFS.

Um dos resultados negativos desta prática levada a cabo pelos professores é a dificuldade de localizar alunos do período noturno inseridos em projetos de extensão, afinal os professores entrevistados tinham, no total, 13 acadêmicos inseridos nos projetos de extensão, mas nem um deles era do período noturno. Evidentemente que há outras determinantes que interferem neste processo, como a necessidade de trabalhar durante o dia por parte dos acadêmicos que estudam à noite, contudo a completa ausência desses acadêmicos dos projetos indica a deficiência de inserção contida nos projetos de extensão da UFFS.

Com isso, alguns questionamentos se fazem necessários: os acadêmicos que não foram convidados pelos professores a participar de projetos de extensão possuem formação acadêmica calcada na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão? qual é o caminho mais adequado para disponibilizar vagas nos projetos de extensão para acadêmicos do período noturno do curso de Educação no Campo? Certamente as respostas a essas perguntas não serão dadas nesse trabalho, pois exigiria uma pesquisa ainda mais ampla, desafio que se apresenta para as próximas investigações.

Contudo, não há como deixar de expressar que, certamente, a disponibilização pública dos editais para inscrição nos projetos de extensão é o caminho mais democrático e que ao menos possibilitaria o conhecimento acerca das oportunidades por parte dos acadêmicos. Caberia ao profes-

sor uma seleção com base em critérios objetivos e de amplo conhecimento, refutando a prática de convites direcionados e balizados por critérios subjetivos.

Em síntese, a pesquisa demonstrou que a formação acadêmica integral do futuro professor de Educação no Campo somente ocorrerá quando se efetivar o processo de indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão, de forma ampla e completa. Desafio que a UFFS está avançando neste campo; em que pesem as dificuldades os acadêmicos e professores fazem desta atividade uma oportunidade de viver e conhecer a realidade das comunidades e das escolas.

Isso certamente tem grande relevo, pois o ensino em sala de aula não é suficiente para formar professores, embora seja indispensável, mas é preciso ir além dos muros da universidade: atuar na comunidade trocando conhecimentos; conhecendo e atuando na prática; vivendo a realidade da área de formação antes mesmo de se formar. Estas são algumas das contribuições que a extensão pode fornecer para a formação acadêmica dos futuros professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa identificou que os projetos de extensão desenvolvidos na UFFS campi de Laranjeiras do Sul são essenciais para a formação dos acadêmicos, assim como, para as comunidades nas quais são desenvolvidos os projetos. Ademais, ficou evidenciado que somente o ensino em sala de aula não é capaz de preparar um profissional crítico, que conheça sua área de trabalho e os sujeitos com os quais irá trabalhar.

Além disso, a participação em projetos de extensão amplia a capacidade do acadêmico em organizar de maneira mais adequada as atividades pedagógicas, que serão desenvolvidas no ambiente escolar; para isso contribui o contato com outros professores que trabalham nas escolas do campo, pois possibilita conhecer suas experiências e suas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, favorecendo a que o acadêmico da UFFS tenha dimensão da realidade dos alunos, facilitando sua preparação para trabalhar as atividades que provavelmente influenciarão a vida deles.

A extensão universitária da UFFS promove uma interação positiva com a comunidade na qual a universidade esta inserida, pois disponibiliza os conhecimentos produzidos para atender às demandas e necessidades da população, desencadeando um processo de reciprocidade entre as partes. As atividades de extensão visam a transformação econômico-social da região ao longo do tempo, o que faz da universidade uma instituição cada vez mais consolidada na região sul do país.

Espera-se que este trabalho demonstre que a extensão tem papel preponderante na formação dos acadêmicos do curso de Educação do Campo da UFFS e que, mesmo com muitas dificuldades, este é um caminho frutífero para a formação acadêmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, T. S. Extensão universitária e formação profissional ampliada. *Revista de Educação Popular*. Uberlândia. v. 3, n. 1, p.36-42, set. 2004.

BRASIL. Constituição [da] República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. Plano Nacional de Educação (PNE) – Lei 10.172, de 09 de janeiro de 2001.

CALDART, R. S. et al. *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro - São Paulo: Expressão Popular, 2012.

DIAS, A. M. I. Discutindo Caminhos Para a Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física*. v. 1, n. 1, p.37-52, Ago., 2009.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

MANCEBO, D. Reforma Universitária: reflexões sobre a privatização e a mercantilização do conhecimento. *Educação & Sociedade: Revista de Ciência da Educação*. Campinas. v. 25, n. 88., 2004.

MST. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. *Nossa História*. Disponível em: < <http://www.mst.org.br/nossa-historia/84-86/>>. Acesso em: 30 de out. 2016.

SILVA, O.D. O que é extensão universitária? Palestra proferida no II Simpósio Multidisciplinar “A Integração Universidade-Comunidade”, em 10 de outubro de 1996.

UFFS. Universidade Federal da Fronteira Sul. Política de Extensão Da UFFS. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – PROEC. Chapecó, 2011.